

CRESCE O CLAMOR CONTRA O ACÔRDO MILITAR



OS LUCROS FABULOSOS DA G.M.

(LEIA NAS PAGINAS 8 E 9)

Um Trecho Inédito

de **Stálin**

LEIA NA TERCEIRA PÁGINA

EM DEFESA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

NADA mais pode impedir que o desmascaramento inapelável do governo de Getúlio Vargas, como um governo de fome, carestia e guerra, coloque contra o regime que explora e oprime o país a maioria esmagadora do povo. Na combinação da demagogia com o terror policial, que é o método de Getúlio governar, o terror ocupa um lugar cada vez mais destacado. Os cárceres estão cheios de patriotas. A violência, como arma política preferida do governo, se estende de norte a sul. O massacre de Rio Grande e o seqüestro de outros atos como o covarde assalto policial à reunião juvenil em Belo Horizonte, como o homicídio assassinato do epíscopo grevista teófilo Altair de Paula Rosa, em plena capital da República. Em Recife, o governo policial-ianque de Etelvino Lima realiza um assalto à mão armada contra a redação e oficinas da «Folha do Povo» com o objetivo declarado de fazer a censura prévia. Lares são invadidos e as masmorras da Ilha das Cobras e outros presídios militares são cenário dos mais bárbaros espancamentos e torturas.

Mas o povo enfrenta a reação e a violência policial. Nosso povo não se deixa intimidar e se une para resistir à política de fome e saqueio dirigida pelos invasores americanos. Greves memoráveis, como as das têxteis pernambucanas, cariocas e catarinenses, mostram que a classe operária combate pelos seus direitos e não recua. A luta em defesa da paz e pela rejeição do Acôrdo Militar se desenvolve, ganha diariamente novas adesões e se fortalece com o anio de novas camadas. A resistência contra a política vende-pátria de entrega do petróleo e das riquezas naturais do país aos monopólios americanos não só não cede um palmo, como avança sem cessar. O povo não se atemoriza.

Nessas circunstâncias, batido politicamente cada vez que as massas se movimentam e obrigam o governo a enfrentar praticamente os problemas nacionais, Getúlio procura os meios de intensificar a repressão e o terror policial. É esse o objetivo da lei de segurança, agora aprovada. Getúlio tenta sufocar as lutas do povo. A lei de segurança é uma ameaça a todos os homens e mulheres amantes da paz que se manifestam contra o envio de nossos soldados para a Coréia, volta-se contra os trabalhadores que lutam por aumento de salários, é arma dirigida contra todo o povo que existe um fim à carestia da vida e não se sujeita aos dominadores ianques.

Pretendendo esmagar a todos com a lei de segurança, o governo, embora querendo exatamente o contrário, faz com que todas as correntes democráticas e patrióticas se unam em defesa das liberdades civis. Todos os patriotas que se levantam contra o acôrdo militar, contra o envio de tropas, contra a entrega do petróleo, contra a carestia e os salários de fome, lutam naturalmente sua luta à luta contra a lei de segurança.

Os comunistas cumprem o seu dever patriótico de lutar em defesa das liberdades democráticas. Campeões da unidade pela preservação da paz e da independência nacional, os comunistas levam à prática as indicações de Prestes e estreitam suas ligações com as grandes massas, realizam um infatigável e paciente trabalho de esclarecimento e organização e se colocam audazmente à frente das lutas populares que anulam e reduzem à nada os dispositivos da lei de segurança e franquearão o caminho da liberdade e do bem-estar para nosso povo.

O CAMINHO DA "HEGEMONIA MUNDIAL"



Os imperialistas anglo-americanos desejam ir mais longe que seus antecessores alemães e japoneses.

VOZ DOS LEITORES

O SÍMBOLO DA MÃE HERÓICA

RECEBEMOS do Sr. Alvaro Santiago de Gusmão, segundista carta: «Amigos redatores da VOZ OPERÁRIA. — Nesta Carta, Ansioso por levar minhas congratulações a E. Branco pela conquista do Prêmio de Defesa da Pátria, por sua brilhante atuação durante o período de guerra, e por sua coragem e heroísmo, que me fizeram sentir o seu heróico espírito, nas colunas desse semanário: F. — Nesse momento em que se apresenta a terrível ameaça que nos sobrepõe, os jovens de sermos enviados por Getúlio para a Coréia ou a qualquer outra parte a fim de morrerem pelos interesses dos trustes americanos, lembro-me de ti, lembra-me do teu gesto heróico no meio do nosso flanco de milhares de soldados que desfilavam naquela manhã de 7 de setembro em S. Paulo. Mãe, sentindo que cada um daqueles jovens poderia ser teu filho e caminhar para a morte, interpretando o sentir de cada mãe ao perder o seu ente querido, que tanto lhe custou, tu enfrentando todos os obstáculos, indiferente a todos os perigos possíveis, em nome de milhões de mães brasileiras, decidiste a fazer história: «Os soldados nossos filhos não vão para a Coréia».

Diante de tua ação, Elisa, senti-me defendida. Proteneste-me e também a todos os jovens brasileiros emquanto me constituas um pesadelo para os que preparam e desejam a guerra. Os monstros de Vargas e os patrões americanos não te puderam conquistar no cárcere por mais tempo porque as mães, os jovens, todo o povo ao tomar conhecimento do caso, arrastaram-te da prisão. És o símbolo da mãe heróica. Considero-me hoje com duas mães: a minha própria e tu, Elisa. Entretanto, os

NOSSA CAPA: — Aspectos do Grande comício de 15 do corrente, no Rio, contra o Acôrdo Militar.

americanos fazem pressão e querem que o governo mande os jovens para a Coréia, fazendo aprovar a força, o Acôrdo Militar. Mas nós, o povo brasileiro, lutamos pela paz contra esse acôrdo de guerra e não queremos que, em nenhum momento, se negue o significado da fúria que levantaste. Não só o povo brasileiro sentiu o teu heróico espírito. Todos os povos conhecem a tua fúria, saudam o teu nome. F. — Quando entre os que mais se destacaram no mundo na luta pela Paz e, o qual que recebeu o Prêmio Stalin Internacional pela Paz — oém o disseste; esperante ao povo brasileiro que tanto amas. Congratulo-me contigo, Elisa, por essa grande conquista e coloco-me ao teu lado para, com os meus companheiros e amigos, lutar mais entusiasmadamente até que, de uma vez para sempre nenhum jovem brasileiro sinta a ameaça de ir para o matadouro de uma nova guerra.

Querem Aumentar Os Impostos

O prefeito daqui de Camões de Jordão, Interior paulista, resolveu, com a cumplicidade da Câmara de Vereadores, aumentar os impostos municipais em cerca de 10%. Não obstante os protestos populares que surgiram, inclusive a organização de um memorial com 800 assinaturas, os vereadores e o prefeito não voltam atrás no plano pretendido contra a já muito reduzida economia dos habitantes desta cidade serrana. Agora, em virtude da enorme repressão que teve o projeto dos impostos, sabe-se que o prefeito pretende manobrar com os interesses da população, pois está afirmando que a cobrança das novas taxas só será feita a partir de 1954. Mesmo assim cresce o descontentamento do povo de Camões de Jordão, que está em guarda de sua bolsa, seriamente ameaçada pelos tubarões da prefeitura. (As.) Paulo Carvalho.

Prefeito Policial

Por intermédio de vosso jornal denunciado a toda a nação o atentado praticado pelo prefeito de Goiandira, município goiano, contra o agente de jornais, Francisco Nogueira, encarregado da distribuição dos semanários VOZ OPERÁRIA, «Estado de Goiás», «Emancipação» e o «Tempo», este último diário da imprensa «sadia» paulista. O prefeito de Goiandira, um autêntico policial, mandou prender o agente Francisco Nogueira e fez questão de assegurar, por um, os jornais vendidos por esse cidadão. O prefeito em sua fúria zoológica, chegou ao cúmulo de tomar das mãos do distribuidor uma carta do general Felício Cardoso

so, que o credenciava como agente de «Emancipação». O povo de Goiandira há muito descontente com esse prefeito-policial, expressou o seu protesto contra o atentado cometido e está exigindo que ele, ao invés de andar andando e perseguindo

do patriotas, cumpra com suas promessas de dar mais carnes e generos, construir estradas e melhorar as condições de vida da população de Goiandira. Foi isso que ele prometeu para eleger-se. — (Ass.) Olimpio de Melo

São Miguel Comemorou o Aniversário de Prestes

O leitor Manuel Costa, de São Miguel, São Paulo, recebeu a seguinte carta: «Mas uma vez os muros da cidade de São Miguel apareceram enfeitados com inscrições saudando o maior filho do nosso povo, o grande Luiz Carlos Prestes. Mas não ficaram ali as homenagens que os habitantes de São Miguel tributaram ao Cavaleiro da Esperança.

Numa casquinha humilde de operário, se comemorou festivamente o aniversário de Prestes. As crianças e os pais, os oitenta trabalhadores e suas esposas dançaram durante toda a noite numa comemoração simples da passagem de mais um aniversário desse grande amigo e herói do povo brasileiro. Quando um dos presentes se levantou e procurou explicar o verdadeiro significado do aniversário de Prestes, do lutador incansável pela paz e pelo bem-estar do povo brasileiro, mas acolheu suas palavras. Logo após um outro orador falou sobre o que significaria para o país a aprovação do «Acôrdo Militar» tendo um jovem soldado presente à comemoração, afirmou que como brasileiro não podia aceitar aquele instrumento terrível de colonização do Brasil. A grande festa dos habitantes de São Miguel dedicada a Prestes transcorreu num ambiente de alegria e entusiasmo e durante o seu transcurso foram declamados diversos poemas de saudação ao maior dos operários.»

Numa Tecelagem De Pelotas

A Companhia de Fiação e Tecelagem de Pelotas, Rio Grande do Sul, não tem o mínimo respeito aos direitos da classe operária. Além de pagar péssimamente, isto é, uma média de 23 cruzeiros diários, ainda explora o trabalho dos menores e que lhe propicia maiores lucros. Na fiação trabalham ao todo 450 operários num só turno e que fazem a riqueza de uma meia dúzia de parasitas. Para mostrar a que ponto vai o abuso dessa companhia relata o seguinte episódio: Os diretores da companhia contrataram alguns advogados para discutirem na justiça do trabalho o pagamento das atrasadas de muitos trabalhadores. Os advogados fixaram em Cr\$ 140.000,00 os seus honorários. Pois bem a soma que aqueles trabalhadores reclamam está calculada em apenas Cr\$ 90.000,00, isto é, menos 50 mil cruzeiros que as despesas com os advogados. Isto prova a necessidade da classe operária de lutar organizada e para que tais aberrações cessem. Para que se acabe a exploração desenfreada daqueles que vivem do suor alheio. Os salários pagos pela fiação não dão sequer para a alimentação e levam os trabalhadores ao fim de certo tempo à depauperação e à tuberculose. O operário certamente não pode seguir a orientação do Centro de Saúde, que aconselha uma alimentação feita à base de legumes e leite, se nem ao menos tem para o feijão. Não falamos, é claro, da roupa. Apesar dos esforços fabricarem os tecidos, estes não sobram para os trabalhadores. Vão, é certo, para as madames gordurosas dos donos das fábricas.

O abono, por exemplo, serve para ilustrar a ganância desses miseráveis tubarões. Enquanto os diretores recebem, além de um salário de Cr\$ 8.000,00, uma cota de 5% sobre os lucros líquidos, o que dá em média 150 mil cruzeiros, os trabalhadores ganham apenas 150 cruzeiros. Para obterem êxito em suas tentativas de dividir a classe operária os diretores da tecelagem pagaram 500 cruzeiros para os mestres; mas isto, certamente, nada adiantará.

O abono de um diretor, 150 mil cruzeiros, dá para pagar o abono de todos os trabalhadores, em número de 450, e como vemos, sobram ainda 60 mil cruzeiros para a companhia.

Os operários da Cia. de Fiação e Tecelagem de Pelotas lutam, entretanto, contra tanta miséria e exploração. Guiados por Prestes e seu Partido suas festas de fim de ano, no futuro, serão melhores, livres dos míseros abonos da tecelagem.

(As. F. de Matos — Pelotas, R. G. do Sul)

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1712	
SUCURSAS	
SAO PAULO	— Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE	— Rua Voluntários da Pátria, 527 - S. 48
RECIFE	— Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Snel;
SALVADOR	— Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA	— Rua Barão do Rio Branco, 1248 - S. 22
ASSINATURAS	
Anual	... Cr\$ 60,00
Semestral	... Cr\$ 30,00
Trimestral	... Cr\$ 15,00
N.º Anual	... Cr\$ 1,00
N.º atrasado	... Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.	

A Inevitabilidade das Guerras Entre os Países Imperialistas

J. STALIN

(Trecho do último trabalho de J. Stálin, "Os problemas econômicos do socialismo na URSS", que brevemente será divulgado em folheto, em tradução para o português)

ALGUNS camaradas afirmam que devido ao desenvolvimento das novas condições internacionais, após a segunda guerra mundial, as guerras entre os países capitalistas deixaram de ser inevitáveis. Consideram que as contradições entre os campos do socialismo e do capitalismo são mais fortes do que as contradições entre os países capitalistas; que os Estados Unidos já dominam suficientemente os outros países capitalistas, para impedir-lhes de guerrear-se entre si e de enfraquecer-se mutuamente; que os homens avançados do capitalismo já estão bem instruídos pela experiência de duas guerras mundiais — guerras que causaram sérios prejuízos a todo o mundo capitalista — para outra vez permitirem que os países capitalistas sejam arrastados a uma guerra entre si e que, em vista de tudo isto, as guerras entre os países capitalistas deixaram de ser inevitáveis.

Estes camaradas estão errados. Eles vêem os fenômenos externos, que aparecem na superfície, mas não vêem as forças profundas que, embora no momento atuem imperceptivelmente, irão determinar a marcha dos acontecimentos.

Externamente parece que tudo «vai bem»: os Estados Unidos puseram no regime de tutela a Europa Ocidental, o Japão e outros países capitalistas. A Alemanha (Ocidental), a Inglaterra, a França, a Itália, o Japão, nas garras dos Estados Unidos, executam obedientemente as suas ordens. Mas seria um erro supor que este «bem-estar» possa conservar-se «eternamente», que estes países suportarão para sempre a dominação e o jugo dos Estados Unidos e que não tentarão livrar-se do cativeiro americano e tomar o caminho do desenvolvimento independente.

Vejamos, antes de tudo, a Inglaterra e a França. Sem dúvida, estes países são imperialistas. Sem dúvida, a matéria prima barata e os mercados de escoamento garantidos têm para eles uma importância de primeira ordem. Será lícito supor que esses países suportarão indefinidamente a situação atual, em que os americanos, a pretexto da «ajuda do plano Marshall», penetram na economia da Inglaterra e da França, tentando convertê-las em apêndices da economia dos Estados Unidos; em que o capital americano se apodera das matérias primas e dos mercados de exportação coloniais anglo-franceses, preparando assim uma catástrofe para os altos lucros dos capitalistas anglo-franceses? Não seria mais certo dizer que a Inglaterra capitalista, e com ela a França capitalista, serão por fim obrigadas a escapar dos braços dos Estados Unidos e a entrar em conflito com estes a fim de garantirem uma situação independente e, naturalmente, altos lucros?

Passemos aos principais países vencidos: a Alemanha (Ocidental) e o Japão. Estes países levam hoje uma existência lastimável, sob a bota do imperialismo americano. Sua indústria e sua agricultura, seu comércio, sua política interna e externa, toda a sua vida está acorrentada pelo «regime» de ocupação americano. Mas estes países ainda ontem eram grandes potências imperialistas que abalavam as bases do domínio da Inglaterra, dos Estados Unidos, da França, na Europa e na Ásia. Pensar que estes países não tentarão pôr-se novamente de pé, destruir o «regime» dos Estados Unidos e enveredar pelo caminho do desenvolvimento independente — significa acreditar em milagres.

Diz-se que as contradições entre o capitalismo e o socialismo são mais fortes do que as contradições entre os paí-

ses capitalistas. Teoricamente isso, sem dúvida, é verdade. Isso é certo não somente agora, no momento atual, como também o era antes da segunda guerra mundial. Os dirigentes dos países capitalistas compreendiam isso, mais ou menos bem. Mas, apesar de tudo, a segunda guerra mundial foi iniciada não contra a URSS, mas com a guerra entre os países capitalistas. Por que? Porque, em primeiro lugar, a guerra contra a URSS, país do socialismo, é mais perigosa para o capitalismo do que a guerra entre os países capitalistas, visto que se a guerra entre os países capitalistas apresenta a questão apenas da supremacia de uns países capitalistas sobre outros países capitalistas, a guerra contra a URSS apresentaria inevitavelmente, a questão da existência do próprio capitalismo. Porque, em segundo lugar, embora os capitalistas proclamem, para fins de propaganda, a agressividade da União Soviética, eles próprios não acreditam nesta agressividade porque têm em conta a política de paz da União Soviética e sabem que a União Soviética não atacará os países capitalistas.

Após a primeira guerra mundial, considerava-se também que a Alemanha havia sido definitivamente posta fora de combate, do mesmo modo como pensam atualmente alguns camaradas que o Japão e a Alemanha foram definitivamente postos fora de combate. Naquela época também se falava e se proclamava na imprensa que os Estados Unidos haviam posto a Europa no regime de tutela, que a Alemanha não poderia mais pôr-se de pé, que daí por diante não mais haveria guerra entre os países capitalistas. Apesar disso a Alemanha pôs-se de pé e elevou-se a grande potência passados 15-20 anos depois de sua derrota, libertou-se do cativeiro e tomou o caminho do desenvolvimento independente. E' sintomático o fato de que a Inglaterra e os Estados Unidos tenham sido precisamente os que ajudaram a Alemanha a reerguer-se economicamente, e a elevar seu potencial econômico e militar. E' certo que os Estados Unidos e a Inglaterra, ajudando a Alemanha a levantar-se economicamente, tiveram em vista dirigir a Alemanha restaurada contra a União Soviética, usá-la contra o país do socialismo. A Alemanha, porém, dirigiu suas forças, em primeiro lugar, contra o bloco anglo-franco-americano. E quando a Alemanha hitlerista declarou guerra à União Soviética, o bloco an-



glo-franco-americano não só deixou de associar-se à Alemanha hitlerista como, pelo contrário, foi obrigado a coligar-se com a URSS, contra a Alemanha hitlerista.

Consequentemente, a luta dos países capitalistas pelos mercados e o desejo de esmagar os seus concorrentes mostraram-se na prática mais fortes do que as contradições entre o campo do capitalismo e o do socialismo.

Pergunta-se: que garantia pode haver de que a Alemanha e o Japão não se reerguerão novamente, que não tentarão escapar ao cativeiro norte-americano e de viver uma vida independente? Penso que tais garantias não existem.

Daí decorre, pois, que a inevitabilidade das guerras entre os países capitalistas continua em vigor.

Diz-se que a tese de Lênin, de que o imperialismo inevitavelmente gera as guerras, deve ser considerada caduca, visto como, atualmente, desenvolveram-se poderosas forças populares que atuam em defesa da paz, contra uma nova guerra mundial, isto não é certo.

O movimento atual pela paz tem por objetivo levantar as massas populares para a luta pela manutenção da paz, para impedir uma nova guerra mundial. Por conseguinte, não tem o objetivo de derrubar o capitalismo e estabelecer o socialismo; limita-se aos objetivos democráticos da luta pela manutenção da

paz. Sob este aspecto, o atual movimento pela manutenção da paz difere do movimento realizado no período da primeira guerra mundial para transformar a guerra imperialista em guerra civil, uma vez que este último movimento era mais além e tinha objetivos socialistas.

Pode acontecer que, dentro de certas circunstâncias, a luta pela paz se desenvolva em alguns lugares, transformando-se em luta pelo socialismo; no entanto, isto já não seria, não o atual movimento pela paz, mas um movimento para a derrubada do capitalismo.

O mais provável é que o atual movimento pela paz, como movimento pela manutenção da paz, sendo bem sucedido, conseguirá evitar uma determinada guerra, adiá-la por certo tempo, manter por certo tempo uma determinada paz, afastar um governo belicista e substituí-lo por outro governo disposto temporariamente a manter a paz. Isto, naturalmente, é uma boa coisa. Uma ótima coisa, aliás. Entretanto, isso não basta para eliminar a inevitabilidade das guerras em geral, entre os países capitalistas. Não basta porque mesmo com um movimento bem sucedido em defesa da paz, o imperialismo subsiste, conserva sua força e, por conseguinte, subsiste também a inevitabilidade das guerras.

Para eliminar a inevitabilidade das guerras, é preciso destruir o imperialismo.

O Papo da Gameleira

DALCÍDIO JURANDIR

NO DIA 3 DE JANEIRO, o camponês João, em terras de São José do Rio Preto, Minas Gerais, não sabia como festejar melhor o aniversário de Prestes. Pouco havia em sua palhoça para dar aos que convidasse. Pela vizinhança a pobreza era tão grande quanto perseguida. A polícia rondava as festas daquele dia. Havia um medo entre os governantes em Minas Gerais inteiro, no Brasil inteiro, por causa daquele aniversário.

Assim decidiu o camponês e assim foi.

De volta, o camponês João vinha impressionado com o que escutara, apreciando todas as lutas e esperanças que o povo tem (compreendia o que significa Prestes para nós). Pôs-se a «raginar», com o filho menor no colo, enquanto os quatro e a mulher caminhavam na frente pelo campo escuro.

Que lhe veio à lembrança naquela hora? Um silêncio se espalhava das estrelas para o rio próximo, e um ou outro canto de ave noturna assustava a criancinha no colo, mal adormecida.

O camponês João ficou se lembrando das histórias que seu pai contava.

Seu pai, um camponês pobre, morava no município de Salinas, Minas Gerais, em lugar que se chama Monte Clarinho. Em 1909, o município passou por uma crise muito forte, morava a fome em todas as palhoças e que fazer? O pai, com seus quatorze filhos, teve uma decisão: partir. E lá se foi o famíliao para Sumidouro, um lugar longe.

— E' brejo este lugar disse o pai, ao chegarem. Aqui temos água e palmitos no campo. Vamos trabalhar para não morreremos de fome.

Ali ficaram trabalhando

O camponês João entrou em sua palhoça, conversou com sua mulher e foram ele, ela e os filhos em número de cinco para a casa do sapateiro Candido, na vila, escutar o que este ia dizer do aniversário e conversar com os companheiros e amigos sobre Prestes. Se houvesse doces as crianças comeriam. Se houvesse uma Lebidinha, a cada convidado seria dado um meio cálice.

do de sol a sol, todos os quatorze filhos trabalhando. A noite, num casebre, acendiam uma fogueira em torno da qual ficava reunida a família. E era então que o pai, vencendo a fadiga e os sofrimentos, principiava a contar histórias. O velho sabia ler um pouco, desemburrara uns meses na casa de um compadre que lhe dizia:

— Você não perde nada por aprender as letras, compadre. As letras têm um poder muito grande.

E assim o pai do camponês João aprendeu a significação das letras, o sentido que têm quando se combinam umas com as outras. E lhe foi fácil ler este e aquele anúncio, uma folha de jornal, um almanaque, as palavras da folhinha e também rabiscava o seu nome no papel.

O camponês João também recordou que o pai não tinha crença alguma nos governos. Coisa curiosa, nunca esqueceu o que ele disse uma vez na presença da mulher e dos quatorze filhos:

— Quem tiver a felicidade de viver até 1950, verá muita coisa e há de desejar ser novo para gozar a vida.

O camponês João tinha oito anos e guardou estas palavras. Era uma breve e misericordiosa

história que só tinha esse começo. De 1950 em diante, agora é que ela passava a acontecer e a ser contada pelo mundo.

Chegando em casa, recolhidas as crianças, o camponês João ficou conversando com a mulher que se mostrava cansada e cochilava.

— Bem, Ana, vai dormir. Vou ficar ainda um pouco neste ar da noite.

E aos pedaços foi tirando da memória uma das histórias que seu pai contava no brejo ao pé da fogueira, no Sumidouro.

Deu-lhe vontade de acordar a mulher para contar-lhe a história. Um dia havia de contá-la aos amigos e aos meninos. Conversaria com o sapateiro Candido sobre a conveniência ou não de mandar a história por escrito à VOZ OPERÁRIA.

Procurava lembrar-se bem para contar depois a história na ponta da língua.

Depois daquela noite, o camponês João passou a contar aos filhos e aos amigos esta história:

Era uma vez um rico e um pobre.

O rico tinha um vizinho muito pobre, muito humilde, que passava fome. Uma manhã, o pobre falou à sua mulher:



...e o fazendeiro rico, acabou com dois papos: o seu e o do camponês pobre...

— Vamos, mulher, sair, ver se encontramos alguma felicidade.

— Vamos, marido. O pobre tinha uma doença, um papo muito grande que o aleijava. O rico também carregava um grande papo e não havia dinheiro que o curasse.

O pobre e a companheira seguiram, sem destino, por esses caminhos longos. Andaram muito até cansarem, parando ao pé de uma gameleira. À sombra da árvore, fizeram pousada. Haviam ali de passar o resto do dia e a noite.

Quando bem tarde da noite, para assombro dos viajantes, chegaram uns «invisíveis» que falavam e caminhavam à volta da gameleira. O casal ficou unidinho, quieto, com maior assombro e medo daqueles passos e vozes de gente invisível. Mas esta sob a gameleira parecia não dar pela presença do casal e todos os invisíveis passaram a cantar. A cantiga era apenas isto:

«Domingo, segunda e terça, quarta, quinta e sexta».

O casal com aquele papo invisível a cantar. Cantaram juntos, repetindo as mesmas palavras e assim foi até o fim, quando deu a hora de os invisíveis partirem. Perguntaram uns aos outros:

— Que presente devemos dar a esse casal que tanto nos ajudou a cantar?

Concordaram que, como presente, seria tirado o papo do homem e pendurado no galho da gameleira. E assim foi feito.

O pobre, contente resolveu voltar à velha moradia. Logo que chegou, o vizinho rico notou-lhe a ausência do papo. Aproximou-se dele e indagou:

— Que fim levou o teu papo? Que dinheiro pagaste que fizeste para te curar?

O pobre contou o que aconteceu.

O rico logo roeu-se de grande inveja, decidiu fazer a mesma viagem

até a gameleira a fim de ficar também livre do seu papo.

Chegando, tarde da noite, à gameleira, não esperou por muito tempo: chegavam os invisíveis. A mesma cantiga principiou:

«Domingo, segunda e terça, quarta, quinta e sexta».

Mas o rico quis fazer melhor que o pobre, quis cantar melhor que os invisíveis e não fazia mais que atrapalhar a cantiga.

O rico cantou assim: «Domingo, segunda e terça, quarta, quinta, sexta e sábado».

E esse sábado não fazia parte da cantiga...

Na hora de ir embora, os invisíveis perguntaram uns aos outros:

— Que devemos fazer com este que tanto nos atrapalhou?

O julgamento foi o seguinte: tiremos o papo da gameleira e coloquemos em cima do outro que ele tem.

Assim foi o castigo, porque assim o rico recebeu.

CRÔNICA INTERNACIONAL

O SIONISMO E O COMPLÔ DOS MÉDICOS ASSASSINOS

Os hediondos racistas ianques, esses contumazes linchadores de negros que, agora, querem matar na cadeira elétrica o jovem casal judeu Rosenberg, estão trombeteando pelo mundo capitalista afora uma nova e estúpida calúnia anti-soviética: o anti-semitismo na URSS. Dessa forma, os imperialistas incendiários de guerra pretendem desviar a atenção dos povos dos bárbaros e criminosos métodos de guerra fria que movem contra a União Soviética e defender sua agência de espionagem, de crime e sabotagem que acaba de ser implacavelmente desmascarada, o sionismo.

Mas os fatos, inclusive os acontecimentos que se desenvolveram no próprio parlamento do Estado de Israel (Knesseth), mostram que a opinião democrática mundial não se deixa embair e manifesta sua indignação ante a revelação do crime dos médicos-monstros pagos pelos imperialistas para assassinar homens de Estado e chefes militares soviéticos. A macabra função desses canibais consistia em eliminar, através de falsos diagnósticos e tratamentos contra-indicados, os dirigentes soviéticos que, enfermos, caíam imediatamente em suas garras. Já se sabia até que ponto a burguesia imperialista caiu no pantano da desonra, da degradação e da prostituição da ciência, invertendo suas finalidades, utilizando a energia atômica para o extermínio em massa de populações civis e lançando mão da guerra bacteriológica.

A utilização desses canibais feitos médicos para o assassinato político é o recurso mais vil de que poderiam lançar mão os bandidos capitalistas da guerra fria.

Esses monstros roubaram à humanidade vidas tão preciosas como a de Chabakov, eminente estadista soviético, e de Zhdanov, o comandante heróico da legatária defesa de Leningrado e um dos construtores da vitória sobre as hordas anti-semitas de Hitler, o pensador humanista e dirigente político amado pelos trabalhadores do mundo inteiro. O desmascaramento do complô, financiado pelos 100 milhões de dólares da «Lei de Segurança Mútua» votada pelo congresso ianque, mostra aos povos até que crimes são capazes de ir os imperialistas fomentadores de guerra. Mas é ao mesmo tempo um exemplo da implacável vigilância do Estado Soviético, que esmaga os inimigos da paz com punho de aço, desbaratando seus planos criminosos, com o que presta inestimável serviço à causa da paz mundial.

Não é de admirar, pois, que os imperialistas surpreendidos em flagrante se ponham a gritar historicamente em defesa do sionismo, já que a maioria dos médicos-monstros são resíduos burgueses de origem judaica e espíões ligados ao

«Joint», organização sionista falsamente filantrópica mantida com os dólares de milionários americanos. Os imperialistas e sua propaganda apelam para a chantagem de que a condenação do sionismo e a prática do anti-semitismo são a mesma coisa.

O sionismo surgiu umbelicalmente ligado à burguesia e ao imperialismo. Ele começou a viver realmente na base do plano inglês, anunciado por lord Balfour, da constituição duma colônia britânica no estratégico território da Palestina, à custa do sacrifício dos emigrantes judeus enganados com a visão da «Terra Prometida». Recordar-se que o barão Rothschild forneceu, na época, 800 milhões de francos-ouro para a instalação dos primeiros núcleos cooperativos judeus na Palestina. Outros miliardários seguiram seus passos.

A colonização revelou-se um rentoso negócio, tanto econômica, como política e militarmente.

O sionismo é um partido burguês de essência reacionária, anti-soviético, inteiramente a serviço dos imperialistas anglo-americanos. Não foi por acaso que «Le Monde» pôde escrever sobre o chefe do sionismo e primeiro presidente de Israel, Chaim Weizman: «Eden, Churchill e Tru-

man estavam entre seus amigos mais queridos». Ben Gurion, negocia com o neo-nazista Adenauer uma pretensa «indenização» pelas vidas e bens dos judeus trucidados por Hitler. Foi por isso que o bandido Schacht pôde passar por Tel Aviv, sem ser preso como criminoso de guerra. Numa conferência secreta Ben Gurion (primeiro ministro), Mosche Sharret (chanceler), Truman, Acheson e Morgenthau (bilionário judeu ianque, ex-secretário do Tesouro) colocaram o recém-nascido Estado de Israel a serviço do expansionismo ianque no Oriente Médio, como revelou o processo de Praga. Um empresário em dólares sacramentou o negócio. Tais são os fatos. O sionismo, partido dos burgueses reacionários, a serviço dos imperialistas ianques, é hoje um bando sem princípios de espíões e assassinos, que repete cinicamente as calúnias anti-soviéticas de seus amos anglo-americanos. Os reacionários dirigentes sionistas erguem a bandeira nazista do anti-comunismo.

Eles formam ao lado dos restos nazistas que os senhores do Pacto do Atlântico pretendem ressuscitar. Estão condenados ao fracasso mais vergonhoso, porque a calúnia do anti-semitismo se desfaz como uma bolha de sabão, como todas as calúnias anti-soviéticas, mas a mancha ignominiosa de parceiros dos carrascos nazistas reunidos com eles no mesmo redil americano é mancha da qual jamais se limparão diante da opinião democrática.

TRABALHAR NOS SINDICATOS UMA DAS NOSSAS TAREFAS FUNDAMENTAIS

Carlos MARIGHELLA



EM JULHO DE 1952, o Comitê Nacional do nosso Partido tomou uma importante Resolução sobre a organização e a unidade da classe operária. Esta Resolução constituiu um marco na atividade sindical dos comunistas. Ela tornou possível compreender com mais profundidade o erro de princípio que cometemos em 1948, ao abandonar na prática o trabalho nos sindicatos. Ela representa, por isso, um precioso instrumento de combate ao sectarismo, tendência cujo principal perigo consiste em impedir o estreitamento de nossas ligações com as massas.

É justa a apreciação, feita nesta Resolução, sobre a unidade e a organização da classe operária. Ela é justa porque reflete com exatidão a verdadeira situação da classe operária. A resolução afirma que se «impõe a intensificação das lutas da classe operária em defesa da paz, contra a venda crescente do país aos monopólios ianques, contra a miséria e a fome, pela salvaguarda dos direitos e conquistas dos trabalhadores». Tal análise é plenamente confirmada pelos fatos.

Dia a dia, em face do agravamento da situação, surgem novos movimentos da classe operária. Os trabalhadores querem lutar e lutam. Batendo-se pela conquista do aumento de salário e outras reivindicações, 36.000 textéis de Pernambuco paralisaram o trabalho no Recife e outros municípios industriais daquele Estado. No Distrito Federal, 17 mil sapateiros desencadearam uma greve que atingiu todo o setor da indústria de calçados e artefatos de couro. Os textéis do Distrito Federal, em número de 30.000, desencadearam por sua vez um movimento grevista que se mantém há quase 2 meses, tendo atingido a totalidade do setor da indústria de tecidos. Os textéis de Brusque, em Santa Catarina, e os de Campos, no Estado do Rio, recorreram igualmente à greve. O mesmo fizeram os trabalhadores do transporte urbano de Maceió.

O proletariado vai, assim, cada vez mais estendendo e ampliando suas lutas. As greves dos operários atingem agora setores profissionais inteiros e tendem a estender-se em âmbito estadual e até nacional.

Ao mesmo tempo, vemos como nestas greves sobressai cada vez mais a solidariedade operária. Só no Distrito Federal foram arrecadados quase 2 milhões de cruzeiros de solidariedade aos tecelões em greve, acontecimento da maior importância. Nos mais diversos sindicatos, em Municípios e Estados diferentes, já se realizam assembléias em que se votam medidas de solidariedade aos grevistas de outros setores. Embora se trate de uma solidariedade ainda não à altura, os fatos mostram que ela é realmente uma das formas mais acessíveis para o desenvolvimento e a ampliação da unidade de ação, como assinala a Resolução do Comitê Nacional.

Mas esta unidade de ação não se estabelece somente em torno das reivindicações econômicas dos trabalhadores. Tem sido possível também estabelecer a luta por importantes reivindicações políticas, segundo inúmeros fatos o confirmam. Um deles está na luta pela liberdade sindical. Esta luta encontrou expressão na ampla participação dos trabalhadores nas eleições sindicais, com a consequente derrota de inúmeros agentes ministerialistas, além da vitória obtida contra o atestado de ideologia.

Também é fato que inúmeros sindicatos apoiaram o Congresso dos Povos pela Paz, a ele enviaram seus delegados, e se pronunciaram pela paz, em defesa do petróleo e contra o Acôrdo Militar, como entre outros, acaba de fazer em recente assembléia, o Sindicato dos Textéis de São Paulo.

Isto mostra que lutando por seus direitos, os trabalhadores passam em escala cada vez maior à luta contra a política de guerra do governo de Vargas, unindo a luta contra as consequências dessa política à luta em defesa da paz e da independência nacional.

Não temos dúvida de que é neste sentido que se orienta o proletariado brasileiro. Mas, como é justo reconhecer, suas lutas ainda não estão à altura da gravidade da situação. Isto impõe trabalhar mais ainda pela unidade e organização da classe operária em nosso país, pois, só assim, suas lutas alcançarão um nível mais elevado.

Por isso mesmo, os comunistas necessitam compreender e assimilar cada vez mais o conteúdo da Resolução do C. N. É necessário romper com o sectarismo, combater com tenacidade todas as manifestações sectárias, que impedem estabelecer a unidade de ação com as grandes massas da classe operária e mobilizá-las para a luta.

Os comunistas não devem esquecer jamais que o primeiro dever do Partido do proletariado é unir e organizar a sua classe. A experiência mostra que este objetivo entre nós só pode ser alcançado intensificando a atividade dos comunistas nos sindicatos. Desta atividade, bem como do ingresso nos sindicatos de milhares de novos associados já resultaram um avanço do movimento grevista e maior participação do proletariado na luta pela paz e a independência nacional. Assiste, portanto, inteira razão à Resolução do C. N., quando assinala que é nos sindicatos ministerialistas, apesar de todas as restrições, que devemos atuar:

«É dever por isso de cada comunista ingressar em seu sindicato, tornar-se ativo militante sindical e não poupar esforços para convencer as massas trabalhadoras da necessidade de entrarem para os sindicatos».

A Resolução do C. N. muito ajudou os comunistas até agora a romper com essas debilidades de caráter sectário. Os êxitos obtidos no trabalho sindical revelam quanto é justa a Resolução do C. N.

Entretanto subsistem em nossa atividade sindical sérias incompreensões sectárias. Muitos camaradas ainda resistem a atuar nos sindicatos e a se transformar ali em ativos militantes sindicais. Outros usam nos sindicatos uma linguagem inacessível às massas ou pretendem impor seus pontos de vista, em vez de fazer uso do método da persuasão. Tais incompreensões devem ser eliminadas.

Devemos igualmente combater o espontaneísmo. Onde o espontaneísmo penetra, a atuação dos militantes escorrega para a mais condenável passividade nos sindicatos, contribuindo para reforçar as posições dos agentes ministerialistas.

Trabalhar ativamente nos sindicatos constitui, assim, nas condições atuais, uma das tarefas fundamentais dos comunistas, a fim de ligar o Partido estreitamente às grandes massas da classe operária e, simultaneamente, uni-las e organiza-las.

Todavia, devemos ter bem presente que, insistindo na necessidade de ingressar nos sindicatos e aí militar, a Resolução do CN chama a atenção para não abandonarmos o trabalho nas empresas. Esta é uma advertência necessária, porque, tendo antes (quando do rompimento com a política de colaboração de classe) só trabalhado nas empresas, os comunistas podem vir a só trabalhar nos sindicatos, ao romper com o esquerdismo na linha sindical. Isto seria um grave erro. Lenin ensina: «é necessário que cada empresa seja nossa cidadela».

A Resolução do CN é um guia seguro para o nosso trabalho, visando intensificar e estreitar as ligações com as grandes massas da classe operária. Os comunistas devem trabalhar mais e mais nos sindicatos pela organização e unidade da classe operária. Eles devem desenvolver uma atividade persistente na preparação e desencadeamento das lutas dos trabalhadores pelas suas reivindicações econômicas e políticas.

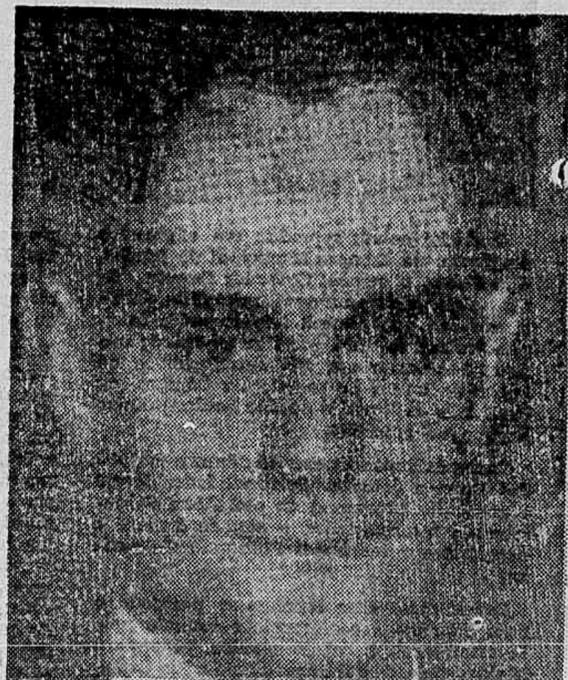
«A classe operária é a força dirigente do povo brasileiro na luta pela paz, a libertação nacional e a democracia popular. Sua organização e unidade constituem fatores decisivos para a construção da Frente Democrática de Libertação Nacional para a vitória da luta pela emancipação nacional e social de nosso povo».



UM FIO DECOBERTO, a falta de luvas ou sapatos de borracha, bem como de um cinto de segurança — eis as causas da tragédia que roubou a vida de um operário da Light Crispim Bahia da Silva. Do alto de um poste, no centro desta Capital, o trabalhador caiu ao solo, partindo a base do crânio e tendo morte imediata. Como será mais correto classificar essa ocorrência? Como um acidente no trabalho ou como mais um crime da Light, cujos lucros se agigantam de ano para ano, sem que a segurança dos operários seja levada em conta? No clichê uma reprodução do lutooso acontecimento, pelo artista J. Morais.



PIQUETES PRO-ROSENBERG estacionam diante da Casa Branca. Esta cena foi vista há duas semanas, quando Truman ainda era o presidente. Agora, é a Eisenhower que caberá decidir se os dois inocentes — Julius e Ethel — serão assassinados



O PROFESSOR CECIL FRANK POWELL, grande cientista atômico inglês, foi proibido de viajar para a Alemanha, onde deveria pronunciar conferências, a convite do próprio Ministério de Exterior britânico. Para justificar a proibição, a polícia britânica alegou que Powell é vice-presidente do Comitê Britânico de Paz.



DOUGLAS MCKAY, o atual Secretário do Interior do governo norte-americano é um dos grandes da General Motors, o homem da Cadillac e Chevrolet. É conhecido em todo o mundo como um dos mais ferozes partidários da guerra e foi escolhido a dedo por Eisenhower para esse importante posto.



Este é o gringo **ROGER M. KYES**, vice-presidente do poderoso truste, ao mesmo tempo, sub-secretário da Defesa no governo de Eisenhower. Com homens iguais a esse, para os quais a guerra é um negócio lucrativo, só a ação enérgica dos povos obrigará o governo ianque a acabar com a agressão na Coreia.



UM TRUSTE VORAZ

A General Motors sob o controle direto do truste ianque das munições e fabricante da bomba atômica — 94 usinas nos Estados Unidos e 33 em mais 20 países — 4 diretores da G. M. no Ministério de Eisenhower



ALBERTO M. P. SCHIESER, estudava sob as ordens do truste na Suíça, quando estourou a última guerra. Durante os vários anos de guerra, foi o instrutor-chefe de militares que fizeram cursos técnicos na General Motors.



LEE R. MACHALE, diretor de Produção. Na última guerra dirigiu o truste na Índia para alimentar os planos bélicos em Burma. Opressor da classe operária, quer nova guerra para melhor oprimir os brasileiros.



ADALBERTO BOGDAN é um dos mais terríveis chefes empoleirados na G.M. Superintendente de produção e especialista em métodos de extrair o máximo da força do trabalho, é ele o criador do famigerado curso de fetores.

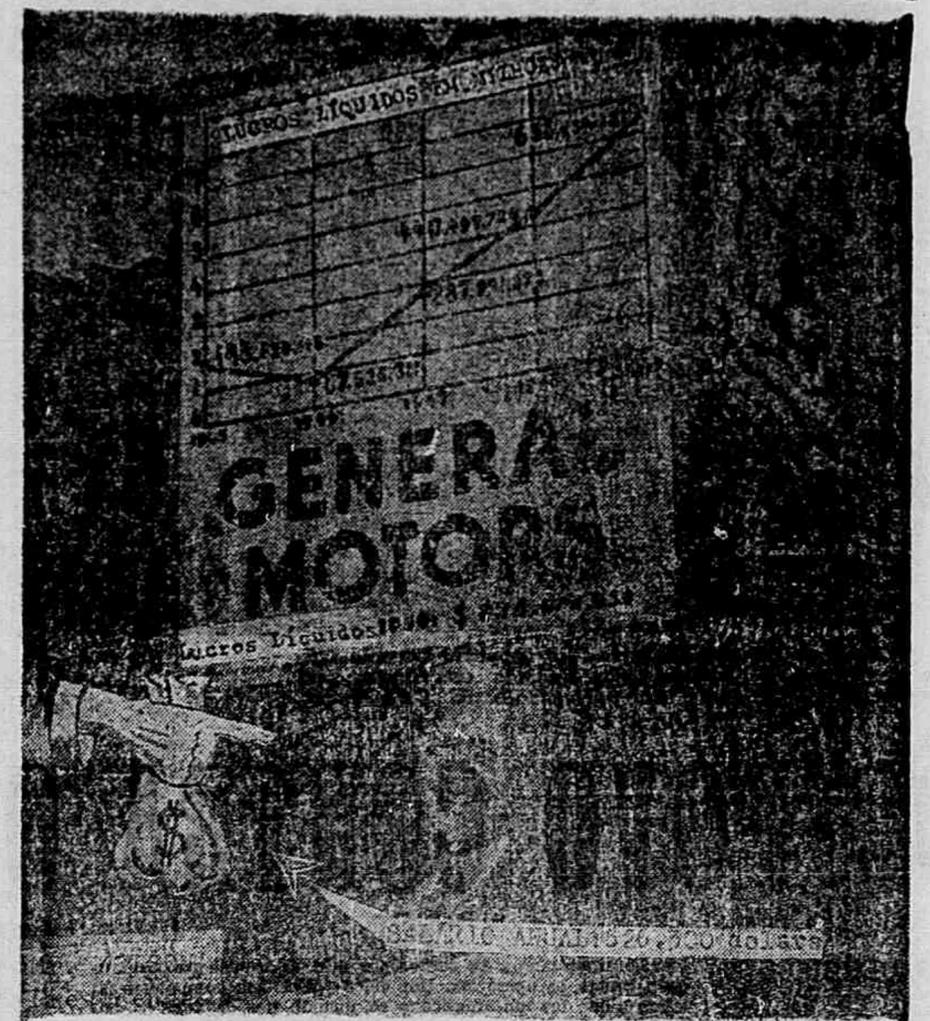


HERBERT D. REMINGTON, gerente de vendas, serviu 12 anos na Marinha ianque. Na última guerra comandou o 2º grupo de Caça de porta-aviões. Era ajudante de ordens do Almirante Mitchel, comandante da Frota do Atlântico.

A General Motors Corporation é um grande monopólio ianque, o truste mais lucrativo do mundo. Para que se tenha idéia dessa verdade, basta dizer que ela obteve em 1950 o fabuloso lucro de 834 milhões de dólares ou seja mais que o dobro obtido pelo insaciável truste petrolífero Standard Oil.

Por que a G. M. é a empresa que mais lucros retira? Porque repousa, principalmente, na exploração em alto grau dos operários que trabalham nas máquinas e nas linhas de montagem. O truste destina somas importantes para o aperfeiçoamento dos métodos de exploração do braço operário e de produção em massa. Aumenta a produtividade em detrimento dos trabalhadores que se transformam em verdadeiros autômatos.

Atualmente trabalham nessa poderosa empresa automobilística, cerca de 470 mil operários distribuídos em 94 usinas nos EE. UU. e mais 33 em outros 20 países. Os investimentos no exterior renderam taxas muito mais altas do que na metrópole — 93,1% e 97,5% em 1950 e 1951, respectivamente, enquanto nos Estados Unidos foram de 38% e 18,4%, na mesma ordem. Diante das grandes extorsões obtidas no estrangeiro, o truste aumenta de ano para ano os investimentos fora dos Estados Unidos que pas-



A General Motors esconde grande parte dos seus lucros reais, pagando diretores, constituindo reservas, construindo fábricas, em pregando em fundos de guerra, etc. Com isso, os seus lucros brutos foram de 1,8 bilhões de dólares em 1950 enquanto que o total de salários pagos no mesmo ano foi inferior a 1,3 bilhões, o que vale dizer que o truste ganhou 1,36 dólar por dólar de salário pago, a cada um dos operários que explora.

saram de 58,7 milhões de dólares em 1950 para 110,7 milhões em 1952.

General Motors potência Política

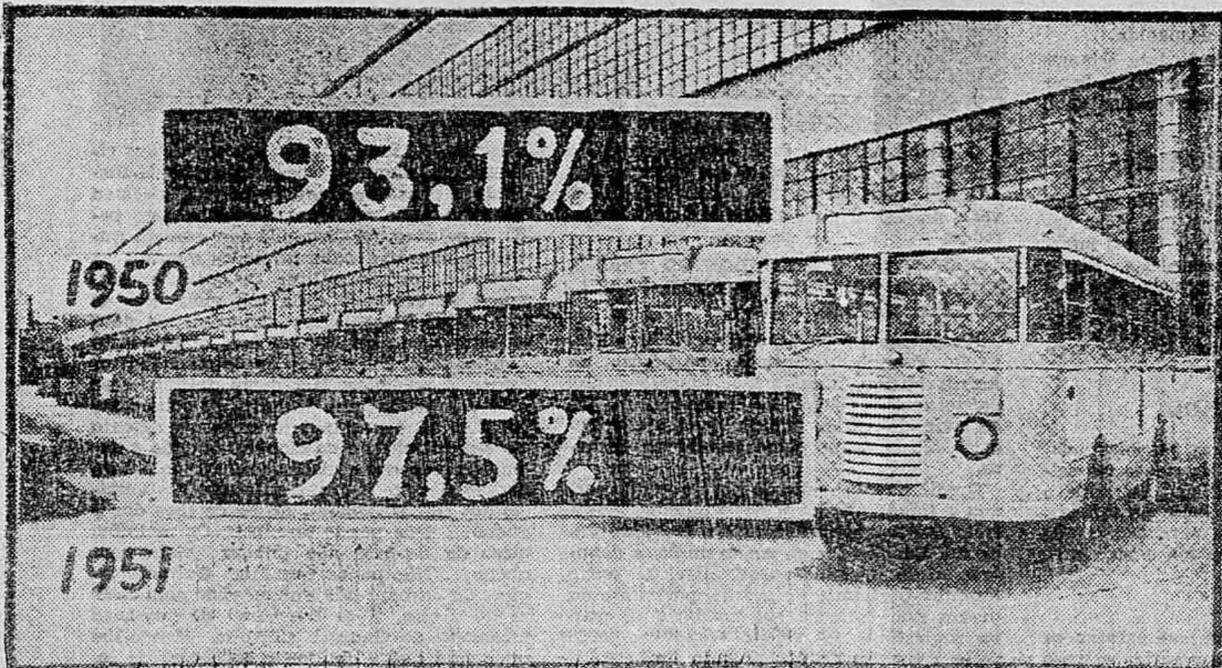
A propaganda da G.M. fala sempre em condi-

ções democráticas existentes entre os «400 mil ou mais acionistas» que possui. A verdade é que a G.M. é ligada a grandes interesses financeiros. Está sob o controle direto do truste de munições, fabricante da bomba atômica, a Dupont, que está em aliança estreita com o Banco Morgan e Mellon os quais mantêm membros no conselho administrativo da empresa. Com Dupont, Morgan e Mellon, torna-se a G.M., um instrumento dos mais agressivos e poderosos grupos do capital financeiro americano. A empresa coloca seus representantes no governo dos Estados Unidos. Assim o governo ianque é um verdadeiro instrumento do truste. O senador Vandenberg, anti-operário, defensor de uma política de intervenção nos negócios de outros países para melhor proveito dos trustes, era considerado o «senador da G.M.». Hoje, como durante a 2ª grande guerra é a G.M. que

tem recebido os maiores contratos para armamentos, mantendo relações estreitas com os mais categorizados generais americanos. E, agora, com a posse de Eisenhower, essa potência industrial conseguiu colocar nos principais postos do governo quatro dos seus principais diretores: Charles E. Wilson, presidente da Cia., na Secretaria da Defesa; Roger M. Kies, vice-presidente, como Sub-Secretário da Defesa, Douglas McKay na Secretaria do Interior e Arthur Summerfield como Diretor dos Correios, o que indica que o governo de Eisenhower prosseguirá a política anti-operária, de intervenção nos negócios internos e de submissão de outros países, tentando desencadear uma guerra de agressão.

O que é a «GM» do Brasil

Já vimos que a General Motors estabeleceu usinas e fábricas em 20 países de diversos continentes. Já vimos que os



Os investimentos feitos pelo truste no exterior fornecem somas fabulosas. A percentagem anual de lucros obtida pela General Motors, 1ª dos Estados Unidos é muito elevada — quase 100%. Eis por que o truste mais que duplicou o capital investido no estrangeiro, entre os anos de 1950 e 1952. O gráfico demonstra as enormes taxas obtidas pela GM

ORAVA AS GARRAS NO BRASIL

De suas empresas em S. Paulo, a G. M. enviou para os Estados Unidos lucros superiores ao dôbro do capital, só em 1950 — Quinta-coluna ianque disfarçada pela G. M. — Tratam os brasileiros de "macacos sem rabo"

seus lucros no exterior são os mais elevados. Do nosso país ela tem arrancado enormes somas.

Há cerca de 25 anos funciona no Brasil a General Motors. Suas usinas estabelecidas em São Caetano do Sul, no Estado de São Paulo, empregam cerca de 6.000 operários na montagem de carros de vários tipos e na fabricação de refrigeradores. Os seus lucros em 1950 — cambiais para os Estados Unidos — atingiram a elevada soma de 157 milhões de cruzeiros num capital de 75 milhões e, cada dia que passa, novos processos de exploração e de fiscalização do trabalho são postos em prática a fim de que esses lucros cresçam ainda mais.

Militares ianques dirigem a empresa

Os chefes da empresa são todos americanos ou refugiados de guerra fascistas protegidos por eles. Há uma grande parte de oficiais do exército e da marinha ianques dirigindo a empresa e dando ordens aos trabalhadores brasileiros que ali já se encontram em verdadeiro regime de guerra, bastando dizer que os nossos jovens operários em idade militar não vão para as fileiras, permanecendo na fábrica «em trabalho essencial» ao esforço de guerra do Governo... a serviço dos ianques. E' grande a malta de espões americanos em São Caetano. Estes

se comportam como os nazistas alemães e japoneses que se infiltraram no país, antes e durante a última guerra. Eis alguns dos quinta-colunas americanos: H. B. Paris, oficial da marinha, Ernest W. Mandeville Jr., capitão do exército, Walter H. Simonson, nazista, que estudou ciências econômicas na Universidade de Berlim, Herbert D. Remington, ajudante de ordens do almirante Mark A. Mitcher, comandante em chefe da Frota Americana do Atlântico, Alberto N. P. Schiesser, instrutor-chefe de militares que fizeram cursos técnicos da G.M. Lee R. Mac Hale, ex-diretor da produção de material destinado aos planos bélicos aliados realizados em Burma e ao Sudeste Asiático e, o proprio Diretor Gerente Sven E. Dithmer que, durante a última guerra esteve ativamente ligado às atividades realizadas pela G.M. na Pérsia e na região China-Burma-Índia. Esses chefes maltratam os operários brasileiros como o ianque Censer que usa de termos como «bichos do mato», «macacos sem rabo», «burros», quando se refere aos operários. Cerca de 60 operários da seção de peças fizeram um memorial e o endereçaram à empresa, protestando contra esse insultuoso tratamento.

Regulamentos Drásticos

A empresa realiza uma grande propaganda, atra-

vés de cartazes, folhetos, revistas bem impressas e com magníficas ilustrações para mostrar o regime «democrático», de «liberdade» e de «conforto em que vivem os seus milhares de empregados. Entretanto, os regulamentos são democráticos para os gringos, enquanto são drásticos para os verdadeiros trabalhadores.

Para o operário não há transporte. Há discriminação anti-brasileira no restaurante, pois, onde os chefes se sentam não há permissão para os brasileiros sentarem. Os serviços médicos que tanto são enaltecidos por eles são prestados por um médico comprado pela empresa que nega licença quando o operário enfermo precisa de se tratar. Os regulamentos impõem deveres aos brasileiros mas, quem defruta dos direitos são os gringos. O regulamento proíbe os termos de baixo calão, os maus tratamentos, os americanos xingam a toda hora e nada lhes acontece.

Aumenta a velocidade das linhas de produção, a tal ponto que ultrapassa a força de controle dos operários. E' necessário um esforço sobrehumano e, o capataz Adalberto Bogson é especialista em arrancar produção. Quando há um atraso de ritmo, Bogson manda colocar um chefe em frente ao operário durante 2 ou 3 horas até que ele redobre o ritmo, não lhe

dando folga nem para as suas necessidades. Diz um trabalhador: «Isso não é possível. Estão nos tratando. Temos que produzir hoje em 8 horas o que ontem precisaríamos de 10 horas».

A G.M. anuncia: «Sede bem-vindo para trabalhar em nossa empresa!»

Entretanto, depois da exploração no trabalho ela põe milhares de trabalhadores na rua. No ano passado até outubro, haviam sido demitidos 1.600 trabalhadores antigos na casa. A indenização foi de apenas 200 horas por ano quando a lei manda dar 240. Depois ela readmite-os pagando salários menores.

«GM» campeã do Câmbio Negro

Entre os processos de exploração adotados pela General Motors no Brasil nos últimos anos, tem lugar importante o «câmbio-negro» de automóveis. Em agosto do ano passado, o deputado Cid Franco, citando uma carta do engenheiro Almeida Junqueira, revelou que a «General Motors» possui uma rede de agentes disseminados nas cidades importantes do país para realizações do «câmbio-negro». Disse que em 1951, o governo do Estado importou, diretamente, automóveis «Chevrolet» que ficaram em 46 mil cruzeiros inclusive com as despesas aduaneiras. O preço deste carro pela tabela oficial era de 102.200 cruzeiros mas os agentes da G.M. vendem os mesmos a 150 mil.

A «GM» e suas relações com o governo

As relações da G. M. com as classes dominantes do Brasil são as mais estreitas possíveis. Os homens do governo são subornados pelo truste que manobra para exercer sua política de guerra e de submissão de nossa pátria. Assim é que a G.M. presenteou a Garcez e a Ademar com «Cadillacs», a D. Darcé Vargas com um ônibus «Coach». Membros do governo como Lafer e outros aparecem em conferências com os diretores da empresa ou em visita aos estabelecimentos do truste. Ainda em



O governo de Getúlio favorece os trustes americanos que saqueiam nossa pátria. No clichê, vemos a vândala João Neves conferindo ao Diretor-Gerente da G. M. — o «manda-chuva Dithmer» — a «Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul», num verdadeiro acinte a dignidade do povo brasileiro.



Assim é que eles vivem. As recepções oferecidas pela «G. M.» comparecem os tubarões e traidores do governo de Getúlio. No clichê aparecem o gringo George P. Harrington, diretor da região pan-americana da empresa e o local Horácio Lafer, Ministro da Fazenda, bebendo pela maior exploração do nosso povo, num intervalo de um banquete oferecido ao gringo.

26 de junho do ano passado, o governo de Getúlio agraciou Mr. Sven E. Dithmer, diretor gerente da Cia., com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e a comenda foi-lhe entregue em cerimonia realizada no Itamarati por João Neves da Fontoura. Militares vendidos fazem o jogo do truste, contra os interesses do povo. O capitão Romeu de Carvalho Pereira, declarou na revista «Militia», publicada pela Força Policial de S. Paulo a necessidade de padronização dos veículos motorizados nas forças armadas do país, dizendo que o que nos interessava era o «Chevrolet» da General Motors.

Enquanto isso, enquanto a General Motors suborna todos esses inimigos do povo, exige deles a aprovação urgente do Acordo Militar com os Estados Unidos. Hoje a G.M. está no governo dos Estados Unidos ao lado de Eisenhower, e de lá exige a submissão completa de nosso país à sua política de guerra. Por isso os lacaios do Brasil que estão empenhados

com esse truste até as raízes dos cabelos se apressam para firmar o acordo infame, com o qual maiores lucros serão arrancados do Brasil e maior sacrifício do povo e da classe operária será exigido.

É preciso acabar com o domínio da «GM»

Os trabalhadores da G. M. lutam por melhores salários, contra as perseguições policiais, por uma vida mais digna e humana. Nessa luta tremenda, eles toparam de cara com o feroz inimigo americano que assola a nossa pátria. Não se trata de uma luta daqueles milhares de trabalhadores apenas, senão uma luta de todo o povo brasileiro. A luta dos trabalhadores da General Motors conta com a solidariedade de todo o povo, de todos os patriotas que se batem para acabar com o domínio colonizador dos trustes e monopólios americanos em nossa terra, domínio esse que é uma das causas principais da miséria e do atraso em que vive o nosso povo.



Aumentando a velocidade das máquinas e das linhas de montagem, o operário vê-se em dificuldades para manter-se à altura do ritmo que elas desenvolvem. Então, a empresa institui os feitores para agulhoar os operários. No clichê, uma reunião desses feitores sob a direção do feitor-mor Adalberto Bogson são declarados inimigos dos operários.

7 DIAS NO BRASIL

VIS MANOBRAS

Nova etapa da luta contra o «acôrdo» está em curso. O governo convocou o Congresso para uma sessão extraordinária, alegando que a mesma se destinava a examinar um falado ante-projeto de reforma administrativa. O Congresso se reuniu, porém, gastará alguns milhões e a tal reforma nem sequer figura na ordem do dia. Morena denunciou a maroleira toda: o governo convocou o Congresso para fazê-lo aprovar o «acôrdo militar». Outra manobra vergonhosa foi igualmente denunciada pelos deputados Morena e Campos Vergal: trata-se do projeto Afonso Arinos, que permite o envio de tropas para o exterior, desde que isso seja aprovado pelo Congresso. Agindo como autêntico servil do imperialismo, o que quer o líder udenista é facilitar a aprovação do «acôrdo», anualmente o dispositivo da Constituição que não permite a participação do Brasil a não ser em guerras de defesa contra uma agressão. A manobra suja do sr. Fonfonzinho tornou-se tão evidente, porém, que ele nem sequer se abalçou a defendê-la.

PROTESTOS EM MASSA

Enquanto isso, intensificam-se por toda parte as manifestações de repúdio ao «acôrdo» infame. No Rio e em São Paulo o povo foi à praça pública, em grandes comícios, e despeito das tentativas policiais de intimidação.

Em São Paulo, foram colhidas as primeiras 50.000 assinaturas contra o «acôrdo». Do Ceará foi enviado ao deputado Eusébio Rocha pronunciamentos contendo mais de 2.000 assinaturas. Outros parlamentares receberam do mesmo Estado quinze abalo-assinados, com 400 assinaturas. No Estado do Rio, a diretoria da União Fluminense de Estudantes examinou o assunto e pronunciou-se unanimemente contra o «acôrdo» ignominioso, conclamando os jovens fluminenses a participarem da luta por sua rejeição.

Na Paraíba, um grupo de personalidades, encabeçado pelos deputados Isaias Silva e Armando Bonifácio de Sousa, lançou um manifesto aos cearenses no mesmo sentido. Em muitas outras cidades se realizaram comícios e atos públicos de protestos e de todo o Brasil continuam a chegar as mensagens do povo. A onda cresce.

OS BAIANOS NA LUTA

El cresce na Bahia também. Celebrado em Salvador o «Dia do Protesto contra o «Acôrdo Militar», quando se instalou a «Cruzada Baiana Contra o Acôrdo Militar», sob a presidência de honra dos deputados Tarcílio Vieira de Melo, Nelson Carneiro, Falcão e Baleeiro. A frente da «Cruzada» encontram-se o deputado Herald Guerra e outros baianos ilustres. Grande acontecimento foi também a decisão da União dos Estudantes da Bahia, que deliberou participar da luta contra o «acôrdo» infame, começando por se dirigir ao Presidente da República, ao Parlamento e à UNE, exortando esta última entidade a se pronunciar sobre o grave perigo que paira sobre a Pátria. A UEB conclamou todos os jovens da Bahia a se incorporarem ativamente à luta contra o «acôrdo» militar.

ESCANDALOS RENOVADOS*

Novos escândalos vieram se juntar aos já conhecidos. Alguns são, realmente, bastante velhos, mas se roubado todo ano aos que trabalham. Uma comissão de encontravam meio esquecidos entre a grande e variada quantidade existente e ressurgem agora mais gritantes. É o caso do imposto sindical por exemplo, inquerito verificou que só nos últimos cinco anos o recolhimento daquele imposto resultou num fundo confessado de 200 milhões de cruzeiros. Deste total sobram apenas 54 milhões; o resto a pelegada comeu... de parceria com seus mentores, naturalmente. O caso do Lloyd é outro. Seu diretor, o alme, é «coruzado» anti-comunista. Lemos Bastos tantas fez que o próprio governo foi obrigado a fingir que lhe pretende tomar as contas... falando em inquerito. Isso para não mencionar a negociata do algodão, em que os menos porcos saem imundos; ou o mandato de segurança dos bancos contra a publicação do inquerito do Banco do Brasil: cai o poder dos bancos sobre a justiça aparece mais claro que água da fonte...

VIOLENCIA IANQUE

Em Recife, o prédio em que funcionam as oficinas da «Folha do Povo» é assaltado a tiros e presos os redatores e gráficos que ali se encontravam. O assalto foi realizado sob o pretexto cínico: a polícia queria fazer a censura prévia do jornal, para que ele não saísse com «matéria subversiva». Protestos indignados na Câmara de Pernambuco e da Associação de Imprensa Pernambucana obrigaram o governo recuar, sendo soltos os presos e voltando o jornal a circular. O episódio, porém, serviu como amostra do tipo de dominação americana que se pretende implantar no Brasil e que as autoridades norte-americanas já ensinam no «saliente estratégico», utilizando os bons serviços de conhecidos facinoras como o sr. Etelvino Lins.



Abraham Feller (à esquerda), numa foto de 1948, em companhia de Trigue Lio. O duplo jogo de Lio, levava Feller ao desespero e ao gesto extremo, revelando a realidade na ONU



O senador Pat Mac Carran (à direita), chefe de uma das muitas comissões inquisitoriais americanas, é um dos maiores responsáveis pela tragédia que envolveu Abraham Feller

O Suicídio de Abraham Feller

REVELAÇÃO DO TERROR DESENCADEADO DENTRO DA O.N.U. PELOS EE.UU.

DEPOIS de penosa luta com a esposa, que tentava desesperadamente barrar-lhe a passagem para a família, Abraham Feller, ajudante de Trigue Lio na Secretaria Geral da ONU, atirou-se do alto de um arranha-céu novo-riquino, morrendo instantaneamente ao chocar-se com o solo. A trágica ocorrência foi estampada com destaque pela imprensa de todo o mundo. Conjecturas surgiram: que razões foram levadas o desventurado senita americano ao gesto extremo?

Não tardou, porém, que esse pequeno mistério fosse amplamente esclarecido. Cerca de um mês após o suicídio de Feller — quando Trigue Lio já pedira demissão do cargo que ainda ocupa na ONU — o Secretário de Estado Adjunto Hickerson fazia sensacional revelado ante o Comitê Mac Carran, uma das tantas entidades inquisitoriais criadas pelos fascistas norte-americanos. Informava Hickerson que em agosto de 1948 o Departamento de Estado americano estabeleceu um arranjo com Trigue Lio para que este lhe denunciasse quais os funcionários americanos da ONU que eram comunistas ou susceptíveis de obediência aos comunistas. O arranjo — prosseguia Hickerson — permaneceu confidencial a fim de proteger Lio da acusação de que recebia instruções de um governo estrangeiro sobre assuntos internos da ONU.

Esta revelação veio comprovar sobejamente a procedência das acusações da União Soviética de que Trigue Lio era um simples joguete do Departamento de Estado.

E então? Aconteceu que Abraham Feller era amigo de Alger Hiss, um antigo partidário do eixo de Lio e que à época de Roosevelt, manteve relações com líderes comunistas. Só por isso, Alger Hiss foi condenado como traidor. Feller não se prestou ao papel de espião contra seu amigo, em favor de Mac Carran e da extrema direita americana. Durante meses, defendeu-se a si próprio e aos demais colegas. Viu

porém, a inutilidade dos seus esforços diante do duplo jogo de Lio: ao mesmo tempo que procurava preservar de sanha fascista alguns dos seus auxiliares, como era o caso do próprio Feller, entregava outros ao F. B. I. O resultado foi o suicídio de Feller, que não encontrou outro caminho diante da pressão e do terror desencadeados dentro da ONU mesmo, pela reação ianque.

Entretanto, já anteriormente, a conduta de Lio fora posta em xeque por uma cisão do Tribunal Administrativo da ONU, reunido em agosto último em Genebra. Apreciando o recurso de Hugh Lakin Robinson, funcionário canadense da ONU, dispensado por Trigue, o Tribunal deu ganho de causa ao funcionário. Robinson fora contratado para importante cargo no Departamento de Assuntos Sociais da ONU em janeiro de 1950 e um ano depois tinha seu contrato cancelado. De que era acusado por Lio? De INADAPTAÇÃO. Os motivos reais da dispensa eram outros; Robinson aceitara a vice-presidência do Sindicato dos Funcionários da ONU e se opusera ao arbítrio da Secretaria-Geral.

Por essa época, Alvarez del Vayo, antigo ex-ministro do Exterior espanhol, escreveu numa revista americana que o ponto central do problema consiste em saber se o Secretário-Geral considera a ONU como uma entidade soberana ou não. Se é assim, seu primeiro dever é defender os princípios da Carta — como aqueles da Sociedade das Nações — segundo os quais seus funcionários estão exclusivamente a serviço da organização internacional. Se, entretanto, é de parecer contrário, evidentemente prestará maior atenção à lei de Lio Carran ou aos conselhos do Departamento de Estado e de Mac Carthy.

Como se vê, Trigue Lio de há muito tomou pelo último caminho, prolongando até à Secretaria-Geral as seções da máquina americana de que são peças numerosos países membros da ONU.



Policiais americanos examinam o corpo de Feller, momentos depois de se haver atirado de alto de um arranha-céu o que não fez nem antes travar dramática luta com a esposa, ante os olhos atônitos da família. Feller é uma vítima do terror fascista nos Estados Unidos

"Mais Manteiga, Menos Canhões" Exige o Proletariado Mundial

PAZ PARA A COREIA

Trabalhadores dos países coloniais e dependentes assim como os dos países imperialistas, clamaram no Congresso contra a intervenção na Coreia, pela cessação imediata desse conflito. Falaram das lutas que têm travando nesse sentido, e exigiram respeito para a independência do povo coreano e de todos os povos.

«Nossa Confederação Geral do Trabalho defendeu a Paz votando resoluções contra o envio de tropas para a Coreia», informou o argentino Escuilver. Disse também: «Consideramos que a existência de uma paz duradoura é realizável dentro de respeito mútuo das diferentes ideologias e crenças e de autodeterminação dos povos, sem ingerência estrangeira».

E George Hayward, portuário, um dos 27 delegados do novo americano que conseguiram alcançar Viena, apesar de todos os obstáculos onerosos pelo governo dos Estados Unidos, pediu a cessação imediata do conflito coreano, dizendo:

«Toda nova que afirma seu direito à independência e que está pronta a defendê-la, como é o caso do novo americano, não pode negar este direito a outros povos».

Ao mesmo tempo divulgou-se uma mensagem enviada pelo sr. Albert Pezzatti, dirigente do Sindicato de Minérios e de Metalúrgicos (Estados Unidos), que formulou propostas para o fim da guerra da Coreia, para se estabelecer negociações de paz entre os cinco grandes e para o desenvolvimento geral e a eliminação de todas as armas de destruição em massa.

Diz-se ainda a mensagem: «Estamos muito inquietos ante o perigo de guerra e que isso representa para o nosso povo, para nossa União, para nossa família e para as famílias de todos os americanos».

E Elisa Branco, cuja bandeira de luta («Os soldados e nossos filhos, não irão para a Coreia») transformou-se em bandeira de todo o proletariado brasileiro, proclamou:

«Em nenhum caso permitiremos, mesmo que para isso tenhamos de lutar com unhas e dentes, que nossos filhos sejam transformados em instrumentos para oprimir e subjugar outros povos, para destruir as cidades e os campos dos países cujos desetos de liberdade só podem merecer nossa simpatia e nossa solidariedade mais calorosa».

E o caso da Coreia, esse povo heróico tem o direito de decidir de seu destino».

«Não poderíamos encerrar uma reportagem como esta sem falar da morte do trabalhador brasileiro Joaquim Teixeira, episódio que conflagrou a todos os congressistas. Delegações de todos os países, sobretudo através de seus membros operários, levaram à delegação brasileira a expressão do seu pesar. Pode-se afirmar que foi todo o Congresso que nos deu — o dia 13 de dezembro — ficou de luto».

Coube à deputada belga Isabelle Blume, em nome da presença, dar a desagradável notícia. Pelo tom da voz compreendeu-se logo a gravidade do fato. «Peço que voz levanteis porque temos uma dolorosa comunicação a fazer», disse ela. E o plenário, de pé, foi informado do falecimento de Teixeira. Continuando, a voz trêmula as emoções, ela fez-lhe o necrologio:

«Joaquim Teixeira era — e é isto o que o faz tão próximo e tão caro aos nossos corações — um defensor infatigável da Paz. Como todos os que lutam, ele gastou na luta suas forças e seu coração. Esta manhã, numa clínica para onde tinha sido transportado, esse coração de homem que se havia dado aos trabalhadores de seu país e do mundo inteiro, em defesa da paz, esse coração deixou de bater».

E ao concluir, afirmou: «Anunciamo-nos diante de sua memória, como se estivéssemos os que lutam, prometendo lutar mais atrevida e corajosamente por um homem que deu sua vida pela paz».

Cessação imediata do conflito coreano, intensificação do comércio entre o ocidente e o oriente, direito de todos os povos a dispôr de seu destino — Importantes resoluções da Conferência Nórdica, da Conferência do Partido Trabalhista britânico e da CGT argentina — Trabalhadores e soldados em greve forçaram a redução do serviço militar na Bélgica, enquanto graças à classe operária, evitou-se um banho de sangue nos povos da Índia e do Paquistão — A participação operária na delegação brasileira ao Congresso de Viena

Reportagem de OSVALDO PERALVA

(Enviado de VOZ OPERÁRIA)

os países, é que os daqueles podem usufruir um nível de vida decente», afirmou o dinamarquês Sven Inglaterra.

Como porta-voz da Conferência Operária Nórdica e para transmitir suas soluções ao Congresso, foi a tripla o dinamarquês Sven Jensen. Essas resoluções falavam na luta por uma Alemanha unida e democrática, pediam ao Congresso que enviasse às três organizações sindicais internacionais um convite no sentido de que iniciassem negociações comuns visando unir todos os trabalhadores organizados, na luta comum pela paz, mas reclamava também — e antes de tudo — o estabelecimento de relações econômicas normais com a União Soviética e as democracias populares.

O trabalhador argentino Edward Esquivel declarou sua qualidade de peronista e disse não fazer parte do Movimento dos Partidários da Paz. Acentuou que tinha ido ao Congresso porque «a classe operária da Argentina e o povo argentino querem viver num clima de paz com todos os povos do mundo», observando ainda que a opressão estrangeira os tem impedido de «negociar e comerciar com os países que respeitam melhor nossa independência Nacional».

Victor Kłosiwicz, dirigente da central sindical da Polónia, falou particularmente em nome dos mineiros e dos operários de fábrica que integravam a delegação de seu país: «A experiência de nosso país nos mostra que é por estarmos trilhando o caminho da Paz, por havermos estabelecido sobre bases novas nossas relações econômicas e políticas com nossos vizinhos, que pudemos vencer a ignorância e o atraso, vencer a miséria e o desemprego, e dar a nosso povo um programa grandioso de desenvolvimento em todos os domínios».

ta e nipônica, que estão conhecendo agora os efeitos da militarização da economia de seus países, imposta pelos imperialistas americanos. Por isso foi que o líder sindical inglês Percy Belcher proclamou que os Estados Unidos, com o Plano Marshall, se colocaram à frente de uma campanha cujas consequências atuais são graves: nível de vida reduzido por causa dos armamentos — milhões de libras esterlinas empregadas para a experiência da bomba atômica, que não aumenta nem a segurança nem a independência da Grã — Bretanha — e no plano moral, o desenvolvimento do gangsterismo.

Por isso também foi que o belga Demeulder, trabalhador do porto de Anvers, afirmou: «É impossível assegurar o bem — estar da classe operária enquanto se esbanjam bilhões na preparação da guerra».

E o indiano Satyapriya Benerji, membro do Parlamento, secretário da Frente Progressista Pan-Indiana e vice-presidente do Congresso dos Sindicatos Pan-Indianos, exclamou: «A luta pela paz ficaria suspensa no vazio e se seria transformada em pacifismo estéril, se não estivesse ligada à luta de todos os dias da classe operária para melhorar suas condições de vida e suas condições de trabalho».

Em suma, os trabalhadores, por palavras e atos, invertem a divisa nazista dos fazedores de guerra, proclamando:

— Mais manteiga, menos canhões;
RELACIONES COM
TODOS OS PAISES

Revelando uma compreensão ampla e profunda dos problemas da paz no terreno internacional, vários delegados operários acentuaram a necessidade econômica e política de que se intensifique o comércio leste-oeste.

«Somente na paz, comercializando nosso país com todos

posição do trabalho escravo.

Esse sentimento é mais acentuado ainda nos trabalhadores da Europa e da Ásia, que conheceram na própria carne os efeitos da guerra de banditismo nazis-



Joaquim Teixeira, presidente do Sindicato dos Têxteis de S. Paulo, compareceu ao Congresso exprimindo a vontade de paz dos trabalhadores brasileiros. Sua morte encheu de pesar os delegados à histórica reunião, em particular, os representantes operários.



Liu-Ning-I, vice-presidente da central sindical chinesa, veterano e conhecido dirigente sindical internacional



George Hayward (à esquerda): «O povo americano, que está pronto a defender sua independência, não pode negar este direito a outros povos». Abdullaye (à direita), secretário Geral da União dos Sindicatos do Sudão e vice-presidente da Federação Sindical Mundial, foi outro líder operário presente ao Congresso dos Povos pela Paz, em Viena



Como em todos os organismos e movimentos progressistas que se realizam no mundo, foi marcante a participação da classe operária no Congresso dos Povos pela Paz.

Lá estavam líderes sindicais de renome, dirigentes de poderosas organizações operárias, como Liu Ning I, vice-presidente da central sindical chinesa, ou Victor Kłosiwicz, presidente do Conselho Central dos Sindicatos da Polónia, o deputado e dirigente sindical indiano Satyapriya Benerji, o vietnamita Ngo Gia Kam, Herói do Trabalho, o brasileiro Joaquim Teixeira, presidente do Sindicato dos Têxteis de São Paulo.

Mas também modestos trabalhadores que haviam sido recentemente eleitos por seus companheiros de trabalho com a finalidade expressa de representá-los no Congresso. Tal o caso do pescador alemão Husu Norisee, do dinamarquês Sven Jensen, dos doqueiros ingleses, dos trabalhadores de frigoríficos argentinos, do portuário americano George Hayward.

BRASILEIROS,
INGLESES,
ESCANDINAVOS

É que em todos os países a classe operária se mobilizou, visando fazer-se representar no grandioso conclave.

A delegação de nosso país pode ser, nesse sentido, um exemplo. Dela participaram Etlvino Zorzi, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Coxias do Sul e presidente do Conselho da Federação Estadual dos Metalúrgicos (R. G. do Sul); Geraldo Soares, eleito pelos operários da Light; Joaquim Teixeira, presidente do Sindicato dos Têxteis de São Paulo; Elisa Branco, gloriosa filha da classe operária; Milton Marcondes, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Também na delegação inglesa, composta de mais de 150 pessoas, achavam-se numerosos operários e membros do Partido Trabalhista britânico. Achavam-se E. Mankell, representante da União Sindical dos Ferrovias de Sheffield; Moore, que falou em nome dos doqueiros ingleses; Owen Oillon, sindicalista; Percy Belcher, secretário geral do Sindicato dos Trabalhadores do Tabaco, membro do Partido Trabalhista e pregador da Igreja Metodista.

Em outros casos, verificava-se mesmo a representação operária de um grupo de países, como os nove delegados eleitos pela Conferência Operária Nórdica que se realizou em Oslo, a 15 e 16 de novembro, com a participação de 434 delegados e representando cerca de 300 mil trabalhadores escandinavos organizados.

MAIS MANTEIGA,
MENOS CANHÕES

Essa grande participação do proletariado mundial no Congresso evidencia que os seus interesses vitais exigem a paz. As guerras passadas, as guerras em curso e os preparativos guerreiros têm ensinado muito, porque vêm sempre acompanhados do aumento da exploração, da liquidação de direitos e liberdades conquistados com lutas e com sangue, da redução do salário real, da extinção do direito de greve e da im-